

# EDITORIAL

A presente edição da revista *Percursos* é publicado em momento ímpar para a sociedade brasileira. A Covid-19 tornou-se pandêmica já há dez meses e a saúde, a ciência, a economia e a política nacional agitaram-se, de maneira mais ou menos descompassada e mais ou menos interessada em sair da crise, frente a este novo desafio. Escrevemos este editorial no dia seguinte à liberação da Anvisa de duas vacinas, o que traz alguma esperança ao povo brasileiro, que se viu à mercê da inépcia do governo federal em lidar seriamente com a saúde pública. Em meio ao negacionismo e ao avanço dos discursos incubidos de desestabilizar o conhecimento científico e a universidade pública, tivemos um alento, ainda momentâneo e pequeno dado o acanhado número de vacinas disponibilizadas até agora, que só pôde ser possível justamente pelo conhecimento científico produzido, sobretudo, nas instituições públicas brasileiras. Por um momento, depois de tanto tempo, há espaço para lidar com o presente e pensar o futuro, ainda que as exigências de nosso tempo tendam a nos levar ao embrutecimento e o horizonte se mostre ainda nebuloso.

Neste número estão presentes trabalhos de pesquisadores vinculados à universidades de várias regiões do país, desde o estado do Rio Grande do Sul, passando pelo Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, chegando ao Centro-Oeste, em Goiás, e, por fim, no Maranhão. Isto evidencia duas faces de uma mesma questão, à qual não podemos nos furtar de tocar: de um lado, a produção científica nos mais variados campos e métodos dentro da Geografia está sendo feita apesar de todo o cenário adverso que experimentamos; por outro lado, os ditames das agências de pesquisa – comandadas por nosso pares, é bom lembrar – mostra-se insensível e desarticulada ao impor publicações, independente da situação (que é das piores dado o escasseamento de investimentos em pesquisa e, em especial das bolsas), àqueles que almejam a carreira de pesquisa e docência no ensino superior em nosso país.

O artigo que abre este número é intitulado “A epistemologia da geografia e a abordagem sistêmica nos estudos dos processos erosivos” e escrito por Gilberlene Serra Lisboa, Paula Ramos de Sousa, José Fernando Rodrigues Bezerra, Regina Célia De Castro Pereira e Quésia Duarte Da Silva. Nele, os autores apresentam o desenvolvimento epistemológico da Geografia para, por fim, tratar sobre a Geomorfologia no contexto da abordagem sistêmica e da importância do arcabouço teórico-metodológico para a compreensão mais ampla de problemas ambientais, em especial a erosão dos solos. Dayane de Freitas Colombo Rosa, Roseli Gall do Amaral e José Joaquim Pereira Melo assinam o artigo “A construção histórica do conceito de América Latina: desvendando uma identidade”, no qual analisam o surgimento do conceito de América Latina e seu papel na construção de uma identidade latino-americana. A origem europeia do conceito e a herança que carrega é debatida, propondo-se a necessidade de apreensão da história da América Latina para a compreensão da identidade e dos aspectos que unem as diferenças.

Em “A segregação como conteúdo na produção do espaço urbano de Ilha Solteira/SP”, Luiz Henrique Mateus Lima discute o papel do planejamento na segregação socioespacial na cidade do interior paulista. O autor apresenta como a separação de classes sociais foi feita espacialmente na cidade e como essa produção do espaço urbano de Ilha Solteira impactou a vida de relações (moradia, trabalho, estudo, lazer) desiguais na cidade. O quarto artigo do presente número, escrito por Nelson Jose Zampier Bonin, tem como título “A monumentalidade do ginásio leopoldinense em Leopoldina – MG” e discute a importância simbólica do ginásio para a cidade, além de apontar as alterações naquele espaço e na percepção da população daquele espaço.

Intitulado “Espaço de uso público para lazer e turismo: praça da catedral em Maringá – PR”, o quinto artigo desse número é assinado por Glenda Lislíe Maciel Alves e Bruno Luiz Domingos de Angelis. O texto trata da Praça da Catedral em Maringá e seu uso público, avaliando a infraestrutura da praça e traçando o perfil dos visitantes, para por fim, relacionar as boas condições da praça com seu uso assíduo pela população. Na sequência, em “Expressões militantes da paisagem”, Leonardo Luiz Silveira da Silva propõe uma reflexão teórica sobre a paisagem tomando-a como militante em toda e qualquer situação dada sua especificidade.

Pedro Henrique Carnevalli Fernandes e Juliano Cesar Oliveira assinam “As redes no desenvolvimento local: a realidade do arranjo produtivo local de metais sanitários no estado do

Paraná” no qual apresentam uma discussão sobre as redes, mais especificamente os APL’s, e sua importância para o desenvolvimento local. Para tanto, os autores estudam o APL de Metais Sanitários da região de Loanda, no Norte do Estado do Paraná e mostram seu desenvolvimento. Em “Projeto Político Pedagógico: uma análise sobre a participação democrática na escola”, Isadora Polvani Barbosa, Maria Morais Pocidonio Friedmann e Roseli Gall do Amaral discutem a centralidade do PPP na prática pedagógica e, especialmente, para a participação democrática no ambiente escolar. Para tanto foi avaliado o documento de uma escola estadual do município de Apucarana, no Paraná. As autoras concluem que o documento em tela deve ser atualizado para suprir as incongruências teóricas e operacionais nele contidas.

O nono artigo deste número, intitulado “Geografia, interdisciplinaridade e multidisciplinaridade: trilhas interpretativas como metodologia de aprendizagem”, escrito por Rogério Marques Silva, trata da utilização de trilhas interpretativas como metodologia pela qual se propõem um trabalho interdisciplinar entre a Geografia e outras disciplinas. Para tanto, foram feitas trilhas interpretativas no município de Caçapava do Sul-RS com alunos do ensino médio no qual aspectos físicos, sociais e artísticos foram tratados. Por fim, em “Aprendizagem significativa e afetividade: desafios do mundo contemporâneo”, Wesley Pisin e Camila Pisin discorrem sobre as relações interpessoais entre professores e alunos e suas implicações na aprendizagem, os autores defendem que a aprendizagem significativa é tributária da afetividade entre alunos e professores.

Por fim, cumprimentamos os editores por mais este número e desejamos sucesso e vida longa à revista.

Ótima leitura!

*Ruhan Rodys Beiler*

Licenciado e Bacharel em Geografia pela UFU e mestrando em Geografia pela Unesp – Rio Claro